



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Jornal de Piracicaba

Data: 28/09/08

Caderno/ Páginas: Cidades / Capa e 10

Assunto: O Herdeiro de Rípoli



HERDEIRO DE UM ÍCONE Tomaz Caetano Rípoli, filho de Romeu Ítalo Rípoli, um dos homens públicos mais famosos de Piracicaba, fala sobre a trajetória de seu pai no XV e em outras áreas e lembra fatos que fazem parte da história da cidade, como a construção do Estádio Municipal Barão da Serra Negra.

O herdeiro de Rípoli

RONALDO VICTORIA
ronaldo@jipjournal.com.br

Jornal de Piracicaba - Faz 25 anos que seu pai, Romeu Ítalo Rípoli, morreu. Ele ainda é lembrado?

Caetano Rípoli - É até chato eu falar isso mas onde eu rodo e falo meu sobrenome, associam a ele e ao XV. E isso vai de motorista de táxi a empresário.

JP - Ele teve origem humilde?

Rípoli - Ele era aluno da Esalq e botava papelão dentro do sapato porque tinha um só e não tinha dinheiro para consertar.

JP - De onde vieram seus avós?

Rípoli - Meu avô veio da Itália, foi chefe da Sucrerie, onde era a Boyes. Meu pai se formou pela Esalq e foi trabalhar para o governo de São Paulo, no tempo do Adhemar de Barros.

JP - Concorda que seu pai era muito polêmico?

Rípoli - A melhor definição dele foi dada por um jornalista que disse que ele era superativo nos erros e nas virtudes.

JP - Quando acertava era ótimo, quando pisava na bola era um desastre...

Rípoli - Exatamente. Mas só erra quem procura acertar. Não há vergonha em cometer erros. O'uro é não errar porque não fez nada.

JP - Quanto mais se trabalha, maior a possibilidade de errar...

Rípoli - Claro. Meu pai foi trabalhar com Adhemar de Barros e foi quem introduziu, como funcionário da secretaria de agricultura, a sericultura. Daí quando foi propor planos para ajudar o agricultor, o Adhemar perguntou: "o que você vai levar nisso?" Ele mandou o Adhemar para "aquele lugar" e pediu demissão. Daí ele começou a trabalhar com loteamentos. Fez a Cidade Jardim, primeiro bairro asfaltado do Interior de São Paulo.

JP - Em que outro projeto arrojado ele se envolveu?

Rípoli - Meu pai instalou pela primeira vez na América do Sul uma retransmissora de televisão, aqui em Piracicaba, com recursos próprios. Era uma retransmissora da TV Tupi. E para concorrer com os televisores importados, montou em Piracicaba a primeira fábrica de televisores brasileira, chamada Sobratel.

JP - E durou muito tempo?
Rípoli - Não durou porque não agüentou o lobby das importadas.

JP - Definiria seu pai como um visionário?

Rípoli - Completamente, um sonhador.

JP - Ele perdeu muito dinheiro com essas aventuras?

Rípoli - Não, ele ganhou muito dinheiro, pela visão dele.

JP - Era a questão dos grandes erros e acertos. Uma hora ele perdia muito, outra compensava...

Rípoli - Ele ganhou dinheiro

quando, junto com Mario Dedini, teve o sonho financiado de fazer a Cidade Jardim. Porque não tinha recursos. A partir daí não ficou rico, mas ficou bem de vida.

JP - Ao falar de seu pai, a gente tem de abordar a antiga zona de meretrício, que ganhou o nome de Ripolândia. Por que isso aconteceu?

Rípoli - Em 1950 meu pai fez a Cidade Jardim, um bairro nobre. Mas pensou em fazer um bairro popular também. E onde hoje é o **Jornal de Piracicaba** ele comprou aquela área com o lucro da venda da Cidade Jardim junto com Ari Coelho, amigo dele. Ali fez um bairro popular chamado Jardim Brasil. Nessa época, Piracicaba precisava de um estádio para os Jogos Abertos do Interior. Quem começou, como vereador, a fazer uma comissão para arrecadar fundos foi meu pai. O **Estádio Barão de Serra Negra** foi ele também que começou, no tempo de Luciano Guidotti.

JP - Mas para fazer esse estádio se derrubou um bosque, não é?

Rípoli - Não foi bem isso. O que eu sei da história é que ali onde hoje é o estádio funcionava a zona de meretrício chamada de Cano Frio. E quando meu pai, junto com uma comissão de vereadores, deslocou esse pessoal, as prostitutas ficaram "prostitutas" da vida. Nesse meio tempo João Guidotti, porque tinha uma loja de televisores importados, virou adversário do meu pai. Veja como as coisas vão se ligando. O que o João Guidotti fez? Foi para as prostitutas e disse: o Rípoli não deslocou vocês? Então agora vão procurar o sócio dele, o Ari Coelho, com um testa de ferro, compreten terrenos lá e transfiram a zona de meretrício para lá. E o Guidotti começou a chamar de Ripolândia.

JP - O problema é que pegou...

Rípoli - Pegou. Mas para mim é simples. Quando alguém vem me perguntar da Ripolândia tenho sempre uma resposta. No seu caso, você me perguntou com curiosidade histórica, é diferente. Mas quando eu sinto maldade, eu digo: a Ripolândia foi fechada. Uma pena porque não dá para arrumar emprego para as mulheres da sua família.

JP - E a ligação do seu pai com o XV, começou cedo?

Rípoli - Foi ele que fez a arqui-bancada do velho campo do XV quando o XV em 1947 subiu para a 1ª Divisão. Ele fez a Cidade dos Esportes, e não tenho receio de dizer que a melhor fase do XV foi com ele.

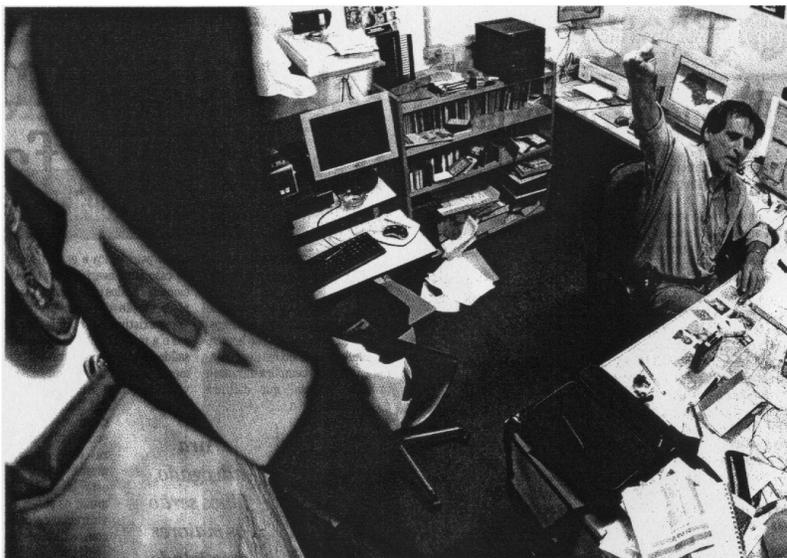
JP - E por que ele nunca foi prefeito?

Rípoli - Ele saiu candidato, mas naqueles erros imensos dele, achou que já estava eleito porque era presidente do XV. Quebrou a cara. Graças a Deus, a família agradeceu imensamente.

JP - Ele iria arrumar encenra demais?

Rípoli - Ia fazer uma revolução, iam acabar prendendo ele.

JP - Politicamente qual era a postura dele?



Rípoli - Ele sempre foi de direita. Ele apoiou a revolução de 64 e foi vítima da revolução. Ele foi preso, passou por tortura psicológica no 5º GCAM de Campinas. Mas essa história não vale a pena recordar.

JP - O que herdou do seu pai, em termos humanos?

Rípoli - Foi o sentimento em ser cidadão no seu mais amplo termo. Eu exerço a minha cidadania.

JP - O que isso inclui?

Rípoli - Ser cidadão é cumprir as obrigações, mas também exigir os direitos. Não tem medo de dar a cara para levar tapa. É lutar pelo que você acredita. É ter consciência da sua responsabilidade profissional também do ponto de vista social. Eu como professor da Esalq, especialista em cana de açúcar, não estou preocupado com pobre, com humilde. Isso é fácil. A questão é estar ocupado com eles.

JP - E como fica a questão da queimada da cana?

Rípoli - Talvez o público leigo não saiba, mas eu, há 18 anos, pela primeira vez falei: vamos parar de queimar cana, num congresso em Belo Horizonte. Quase me massacraram.

JP - Por conta de interesses econômicos...

Rípoli - Não só isso, mas de uma realidade cultural do setor canavieiro. E não é só por uma questão ambiental. Esse é um

problema menor, que me desculpem os eco-chatos, os ecologistas de palanque.

JP - Como define um eco-chato?

Rípoli - É aquele que não conhece resultados da ciência sobre poluição ambiental de cana e fica falando abobrinha por aí, influenciando a mídia e a sociedade civil. Em relação à queimada de cana é simples o raciocínio. O que polui mais: queimar cana em São Paulo durante seis meses ou os milhões de ônibus, caminhões, movidos a óleo diesel? Esses veículos poluem muito mais e, pior, sem fiscalização, rompem o lacre da bomba injetora para aumentar a potência e daí a poluição vai lá em cima.

JP - Há alarmismo?

Rípoli - O que não pode, em se tratando de ambiente, é ter paixão, discurso. Discutir ambiente tem de ser tecnicamente, o que a ciência diz de pró e de contra de determinada tecnologia, de determinada prática agrícola. Me incomoda o eco-chato porque fica em cima da "achologia", que é a ciência que mais cresce nesse país. Achar todo mundo acha, mas poucos têm consistência nas afirmações.

JP - E o que acha da possibilidade de problema social, com a demissão dos cortadores de cana?

Rípoli - Vamos então pegar o gancho da entrevista do José Coral ao JP, que aliás deu origem a

uma coisa maravilhosa. Deus queira que em cada situação polêmica a sociedade se manifeste. Estão de parabéns os que mandaram carta, a favor ou contra o "blabláblá" do José Coral. A sociedade brasileira responde com uma submissão bovina ao que os políticos falam. Precisa acabar com isso.

JP - A maioria dos homens públicos é muito escorregadia. Nesse ponto não acha admirável a coragem de José Coral?

Rípoli - Exato. Ele fala o que pensa e assume. Está certo o Coral na sua colocação pública. Eu discordo dele, como faz 20 anos que discordamos. Em tese ele fica defendendo a queima e não é bem isso. Sabe algo para trás e em alto nível que tenho com ele? É a questão do prazo da proibição da queimada. Piracicaba é um caso único na região canavieira de São Paulo. Temos milhares de pequenos fornecedores que têm cana em área de declive em que as atuais máquinas não vão. E se fossem, custam R\$ 1.000.000. Então o Coral foi infeliz na forma, mas no conteúdo ele está certo. Porque precisamos dar um prazo, e não é empurrar com a barriga. Esse prazo é para que se desenvolva, e eu junto com o professor Luiz Geraldo Miahle, e com apoio da Afocapi, estamos desenvolvendo uma maquininha de R\$ 100.000 para colher cana

de pequeno fornecedor.

JP - Não pensou em entrar para a política?

Rípoli - Na eleição passada o Roberto Morais falou para mim: você que vive metendo o pau em político, tem de sair vereador para me ajudar. Falei, tudo bem, mas não vou gastar um centavo. Sai candidato, gastei a "fortuna" de R\$ 120 de gasolina e ainda fiz 371 votos.

JP - Foi sem pretensão nenhuma?

Rípoli - E foi uma experiência fantástica. Foi no Cepak, sábado, entre num boteco, os caras tomando as pingas lá às 10 da manhã, comecei a distribuir meus santinhos e fazer meu discurso. De repente, batem na minha costa. Olho para trás e é um guarda-roupa de ébano de 2 metros por 2. "Você é do PT? Se não for, rua, se não vai apanhar!" Foi embora correndinho, não sou herói. Daí fui para o Bosques do Lenheiro. Também fui num boteco e aí me falaram: "ou paga churrasco e cerveja pra nós ou não recebo mais você". Falei, então vou embora porque não estou comprando voto.

JP - Nunca mais quer repetir?

Rípoli - Nunca mais! Entendi que nesse país, apesar de dizerem que existe uma democracia, a democracia é comprada a troco de banana.

JP - Ficou desiludido com a política?

Rípoli - Não, porque sou um animal político e todo homem é idiota é quem se diz apolítico. O que me interessa é a cidadania.

JP - Por que deixou de escrever para jornal?

Rípoli - Falta de tempo. E quando escrevia era meu desabafo para não entrar em estresse. Não posso remoer nada. Sou uma pessoa por natureza angustiada e sempre pensando à frente. Eu estou sempre querendo ganhar do tempo.

JP - O que é o mais legal e o mais chato em Piracicaba?

Rípoli - Eu prefiro dizer o que me irrita no país. Me irritam esses programas religiosos de TV, onde há 20 miligramas por sessão. Isso é explorar a ignorância do pobre. Me irrita o Lula falando abobrinhas na imprensa. Me irrita esse cantor criado pela Globo chamado Zecca Padoginho fazendo propaganda de cerveja, o que estimula o alcoolismo. Me irritam essas grandes cadeias de lojas que são financeiras travestidas e cobram juros escorchantes da chamada pobre. Em Piracicaba é difícil dizer o que me irrita. Eu amo essa terra, quero o melhor para ela. O que tem de ruim é pouco perto do que tem de bom.

